

Empresários prevêem volta do crescimento

30 DEZ 1992 JORNAL DO BRASIL ■ Setor privado mostra otimismo com governo Itamar e trabalha com cenários de baixa da inflação e queda de juros para 1993

ELENO MENDONÇA

SÃO PAULO — Os cenários para o futuro do Brasil, traçados a partir da expectativa de empresários e economistas, são os melhores possíveis e apontam para a retomada do crescimento, livre de qualquer choque. Mais do que tudo isso, os agentes econômicos viram no simbolismo da entrega da declaração de bens do novo presidente o fim de uma era marcada pela prática do *toma lá, dá cá* e da corrupção. “Acredito na sinceridade de Itamar e acho que se ele tomar o caminho do diálogo e da união com a sociedade poderá recolocar o país na rota do crescimento”, declarou o ex-presidente do Sindipeças Pedro Eberhardt.

Todos imaginam, também, que a nova estrutura será marcada por cortes no setor público, sobretudo nos investimentos de custo: “Isso permitirá a redução dos juros e a queda da inflação”, aposta Lincoln da Cunha Pereira, presidente da Associação Comercial. “As esperanças se renovam. Vamos começar tudo de novo”, destacou Anselmo Nakatani, presidente da multinacional japonesa Furukawa Industrial e membro do grupo Empresas Brasileiras de Capital Estrangeiro, da Fiesp. Para ele, se não houver retrocesso o Brasil poderá atrair de novo poupanças externas. “O problema é que o custo do dinheiro no Brasil é de 15% a 20% ao ano, enquanto lá fora essa margem não ultrapassa os 5%”, diz Nakatani.

As lideranças da iniciativa privada respiraram aliviadas com a saída de Collor e o término do que classificam de “angústia político-econômica” em que se transformou o país. Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico, por exemplo, está certo de que “a situação vai melhorar”. Para ele, o importante é Itamar Franco acertar o relógio com o Congresso e tornar prioridade a aprovação de projetos como o da modernização dos portos e da Previdência. “É nesse cenário que trabalho a partir de agora, de um estado livre da corrupção”, disse Hahne.

“Itamar deve dizer como conduzirá a economia”, afirma Lawrence Pih, presidente do

Moinho Pacífico. Ele acredita que as medidas de Itamar levarão em conta sua sensibilidade às questões sociais, mas serão tomadas por uma equipe mais consciente, formada por ministros mais independentes. “Na política salarial já se tem o avanço conseguido por Walter Borelli. Acho que o cenário será sério e austero no que diz respeito à coisa pública, ao mesmo tempo transparente”, acredita Pih.

Sem choques — Eduardo da Rocha Azevedo, ex-presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, diz que a Itamar Franco está reservado o desafio maior da modernidade. “Considero esse caminho inevitável, sem retorno. Se ele seguir essa trilha, tem excelente chance de devolver o país aos trilhos. Acho que o novo presidente sabe disso, da realidade de que não se pode pensar em crescimento, criação de empregos, sem captação de recursos externos”, definiu Rocha Azevedo. Para ele, Itamar não deverá envolver-se em questões fisiológicas, em interesses regionais.

Economistas como José Milton Dallari ficam apreensivos apenas com o susto que pode tomar Itamar em janeiro, quando a inflação bater nos 27%/28%. “Torço para ele ter serenidade e não inventar moda. O certo é partir para a redução gradual das tarifas públicas e dos juros. Isso forçará as estatais a adaptarem seus custos e o governo a dar sinais de austeridade.” Para ele, só assim a inflação baixará. Marcel Solimeo, do Instituto Gastão Vidigal, acha que o novo presidente deve seguir o que tem declarado o ministro Paulo Haddad. “Não se pode partir para alterações abruptas. Em janeiro a inflação sobe, mas em fevereiro já apresentará acomodação, de modo que não há motivo para pânico.”

Nildo Masini, presidente da Aços Finos Ipiranga, disse sentir-se como se o “placar do jogo” voltasse ao zero-a-zero. “Teremos um ano melhor em 1993 por vários motivos. Primeiro porque estão afastadas propostas como congelamento de preços e salários; depois porque a base de comparação (1992) é muito ruim; por último, porque não é mais possível esperar mais recessão. Chegamos ao fundo do poço.”

Ismar Ingber



A agitação dos operadores refletia o nervosismo do mercado de ações do Rio